

ASPECTOS EDUCATIVOS DOS SUPER-HERÓIS NA PERSPECTIVA DA ÉTICA DE ARISTÓTELES

Educational aspects the super-hero from he perspective of Aristotle's ethics

Gelson Vanderlei Weschenfelder¹

RESUMO

Esta pesquisa apresenta a educação através de outras mídias, a importância das histórias em quadrinhos, o seu aspecto pedagógico, principalmente no que tange à formação da consciência moral das crianças e dos adolescentes e na construção de uma vida boa. O fascínio que os personagens exercem, figurando como exemplos heroicos, onde estes abordam, de forma exemplar, a maneira de enfrentar e de solucionar questões e tais problemas é que remete à obra de Aristóteles 'Ética a Nicômaco'. Tomando a ética aristotélica das virtudes como referência teórica, pretende-se apresentar alguns super-heróis, tais como; Batman, Homem-Aranha, X-men e Super-Homem, e mostrar como cada um deles apresenta um aspecto importante da referida ética. Destacando a ética aristotélica.

Palavras-chave: Ética. Mídias na Educação. Super-Heróis. Histórias em quadrinhos. Aristóteles.

ABSTRACT

This research provides education through other media, the importance of comics, its pedagogical aspect, especially with regard to the formation of the moral conscience of children and adolescents and to build a good life. The fascination that the characters play, appearing as heroic examples, where they discuss, in an exemplary manner, how to address and resolve issues, and such problems is that refers to the work of Aristotle's 'Nicomachean Ethics'. Taking the Aristotelian ethics of virtue as the theoretical framework, we intend to present some superheroes, such as: Batman, Spiderman, X-men and Superman, and show how each has such an important aspect of ethics. Highlighting Aristotelian ethics.

Keywords: Ethics. Media educations. Superhero. Comics. Aristotle.

1 INTRODUÇÃO

A cada novo filme que é lançado há uma multidão lotando as salas de cinema e acorrendo às bancas lotadas de histórias em quadrinhos (HQ's), além dos inúmeros produtos com estampas destes super-heróis que são comercializados. Mas, afinal, o que existe nestes personagens fantasiados para que se tornarem tão populares? O

¹ Mestre em Educação pela Unilasalle e doutorando em educação pela Unilasalle.

que eles fazem para exercerem tal atração a esse público de milhões de pessoas de todas as idades?

William Irwin afirma que *'um dos mais notáveis desenvolvimentos na cultura pop da atualidade é o forte ressurgimento dos super-heróis como ícones culturais e de entretenimento* (IRWIN, 2005, p. 9), embora se possa antecipar que as histórias em quadrinhos (HQ's) não são tão inocentes como aparentam. Elas não proporcionam apenas o entretenimento ao seu leitor. Elas apresentam no seu enredo vivencial uma série de questões, de suma importância, com as quais os seres humanos 'normais' se defrontam na vida cotidiana. Desde questões referentes à ética, à responsabilidade pessoal e social, à justiça, ao crime e ao castigo, até às que se referem às emoções humanas, à identidade pessoal, à alma, à noção de destino e ao sentido de nossa vida, passando ainda por aquilo que pensamos da ciência e da natureza, pelo papel da fé na aspereza deste mundo, pela importância da amizade e o significado do amor, bem com à natureza de uma família, às virtudes clássicas como coragem, o comedimento, a prudência, dentre outros temas. Talvez seja por essa razão que tantas pessoas se prendem ao universo dos super-heróis, dando-lhes essa massiva audiência.

Os antigos gregos foram os primeiros a entender esse fenômeno da experiência estética que prende a audiência. Segundo *Aristóteles* (384-322 a.C.), ao experimentar sentimentos fortes e acontecimentos trágicos (neste caso a trama nas telas ou lendo um HQ's), esperava-se que as pessoas purificassem as próprias emoções, fazendo com que o espectador/leitor experimentasse e refletisse sobre os problemas centrais da condição humana, como a natureza do destino ou conflitos entre compaixão e a justiça.

As histórias em quadrinhos (HQ's) e suas adaptações para os desenhos animados de TV e para o Cinema não prejudicam a formação da criança e/ou adolescente. No confronto entre o *'Bem contra o Mal'*, temática recorrente na HQ's, não induz o leitor/espectador à violência, ao contrário, ensina que é possível resolver um conflito com dignidade moral. As HQ's podem vir a ser instrumento pedagógico para a sala de aula, principalmente para o ensino filosófico, e o ensino da filosofia

aristotélica, em sua ética das virtudes².

2 ARISTÓTELES E UMA EDUCAÇÃO PARA A VIRTUDE

Aristóteles, filósofo grego de grande influência sobre a civilização ocidental, é considerado o criador da filosofia prática ou da ciência da *práxis* humana, que abrange a política e a ética, com o intuito de atingir a excelência moral ou a virtude³, que vem a ser o tema central da *Ética a Nicômaco*. O saber prático distingue-se do saber teórico porque seu objetivo não é o conhecimento de uma realidade determinada, mas o estabelecimento das normas e critérios da boa forma de agir, da ação correta e eficaz (MARCONDES, 1997, p. 76). A finalidade do homem é a felicidade (εὐδαιμονία), que uma atividade da alma designada com o nome de virtude⁴. Ela não é inclinação nem mesmo uma aptidão inata, mas um hábito adquirido pelo hábito e espelhando-se no exemplo dos outros. Aristóteles acredita que a imitação (*mimesis*) é constitutiva da natureza humana, dotada de caráter ativo e criativo. Vivendo e aprendendo, o ser humano pode tornar-se virtuoso e digno da felicidade. O problema é: como o ser humano se torna um bom ser humano? Segundo a ética aristotélica, tornamo-nos homens bons do mesmo modo que nos tornamos bons na maioria das outras coisas, pela prática e repetição.

Aprendemos uma arte ou ofício fazendo as coisas que teremos que fazer quando a tivermos aprendido. Exemplo: homens se tornam construtores construindo casas e se tornam tocadores de lira tocando lira. (...) nos tornamos justos realizando atos justos, (...) corajosos realizando atos corajosos (ARISTÓTELES, 2007, II, 1, 1103 b1 2-5).

Parece senso comum, e é, porque não há outras maneiras de se aprender

² A Mattel do Brasil, em conjunto com o Instituto de pesquisa GFK Indicador, realizaram uma pesquisa com crianças, para entender qual função que a fantasia e, em particular, os heróis, ocupam hoje no imaginário infantil. Desenvolvido sob consultoria da psicóloga Lídia Aratangy, o estudo revelou, entre outras conclusões, que esses personagens têm função essencial na formação das crianças. Os heróis estimulam nas crianças virtudes como a coragem de enfrentar desafios, vencer os medos, proteger os mais fracos, defender ideais e combater o inaceitável. Nesse cenário, eles representam os atributos que os humanos mais admiram em si próprios. Mais do que ídolos, são modelos a serem respeitados e imitados. No entanto, não são desprovidos de medo e, justamente por isso, são fonte de coragem.

³ Aristóteles define a Virtude como sendo a disposição estabelecida que leve à escolha de ações e paixões e que consiste essencialmente na observância da mediania relativa a nós, sendo isso determinado pela razão, isto é, como o homem prudente o determina.

⁴ A Virtude é uma disposição estabelecida que leve à escolha de ações e paixões e que consiste essencialmente na observância da mediania relativa a nós, sendo isso determinado pela razão, isto é, como o homem prudente o determina (Ver: Aristóteles, 2007, 1107 al: 1-5).

qualquer coisa a não ser praticando? Aprende-se a ler, lendo; a escrever, escrevendo. É deste modo que aprendemos a resolver questões matemáticas, a praticar algum esporte, a dirigir um carro. Mas poderia aparecer a dúvida: como saberei o que seria um ato justo? Aristóteles responde esta questão através da observação. Se quisermos saber o que significa ser justo, ou moderado, ou corajoso, devemos observar pessoas a quem atribuímos tais virtudes (ARISTÓTELES, 2007, VI, 1140 a1, 20-25). Uma pessoa justa, afinal de contas, é alguém que com regularidade e confiabilidade pratica ações justas. Se quisermos aprender a exercer a justiça, nada melhor do que observar pessoas exemplares que de fato acreditamos ser justas. Mas se desejamos verdadeiramente ser justos e bons, observar não é suficiente. É preciso tentar imitá-las é necessário praticar tais ações semelhantes, para assim neste processo, adquirir estas qualidades ou virtudes morais.

Para criarmos um caráter que seria inclinado a agir conforme a moralidade, o treinamento, a repetição, é fundamental. Mas por outro lado, aquele que já possui este caráter de agir de acordo com a moralidade, também precisa treinar os outros para que sejam éticos, ao em vez de apenas ensinar isso em teoria. O ser humano aprende a agir corretamente ao ser repreendido por um mau comportamento e ao ser recompensado quando faz o bem. Se desejarmos instilar determinadas virtudes específicas, como a coragem, devemos testar a pessoa que receberá tal caráter. A coragem nasce da atitude de enfrentar o perigo. Não são os mais fortes que vencem, mas os que competem, ou seja, os que praticam (IRWIN, 2008).

Segundo Aristóteles, a educação para a virtude é um modo de educar para o *viver bem*, que implica tanto a subjetividade quanto a esfera pública ou o âmbito político para o cidadão grego. A partir daí pode-se pensar uma forma de educação para o contexto atual, em que se precisa dar conta da formação integral, da preparação para o trabalho, bem como dos aspectos morais? Como se poderia ensinar uma ética das virtudes na sala de aula hoje, diante das situações concretas de desrespeito e até de violência nas relações pedagógicas cotidianas? Os super-heróis das histórias em quadrinhos podem muito bem servir de apoio pedagógico para o ensino de filosofia em geral e, especificamente, para que as crianças e adolescentes canalizem suas energias na direção de uma vida ética, virtuosa, mirando-se no

exemplo de adultos virtuosos e felizes.

3 BATMAN: O ARISTOTÉLICO

Eis o super-herói símbolo da *ética das virtudes* de Aristóteles. Chamam-no de “super-herói”, mas ele não possui nenhum tipo de ‘super – poder’. Sua história de mais de 70 anos de existência atrai cada vez mais pessoas de todas as idades. E uma das razões pela qual Batman atrai tantos fãs é que ele é ‘apenas’ um ser humano. Um homem igual a nós, com a diferença de que, além que é um personagem da ficção, ele dedicou toda a vida a vingar a morte dos pais e de todas as vítimas de crimes. Ele defende Gotham City arriscando constantemente sua própria vida, depois de passar anos de sacrifício e treinamento do corpo e da mente para atingir o máximo de que um ser humano é capaz. Embora seja riquíssimo, nega a si mesmo este luxo e dedica-se ao objetivo que nunca alcançará (IRWIN, 2008, p. 13).

Bruce Wayne não quer ver outras crianças perderem os pais assassinados, como ocorreu com ele próprio; Gotham City está nas mãos dos criminosos e corruptos, e com o espírito de vingança e justiça quer dar um basta nesta situação: “*quero mostrar ao povo que Gotham não pertence aos criminosos e corruptos*” (NOILAN, 2005).

Decidido a combater as injustiças, o órfão Bruce Wayne, viaja pelo mundo buscando recursos para combater a injustiça e amedrontar aqueles que semeiam o medo. Sua busca é inalcançável, embora reconheça que sozinho não alcançará seu objetivo. Ele próprio afirma que “*para sair da apatia, as pessoas precisam de exemplos dramáticos. Mas não posso fazer isso como Bruce Wayne. Como homem sou de carne e osso, posso ser ignorado e destruído. Mas como símbolo, posso ser incorruptível, posso ser eterno*” (NOILAN, 2005).

Assim Bruce Wayne decide se tornar o justiceiro mascarado, libertando seu ego, se tornando *Batman*. Mas por que um jovem órfão milionário gastaria suas noites pulando em telhados, percorrendo becos para acabar com a injustiça e violência de sua cidade? Eis uma resposta aristotélica a esta pergunta: para você se tornar um ser humano bom e virtuoso, precisa de bons exemplos a imitar.

Quando a prudência (sabedoria prática) é possível chegarmos à sua definição pela consideração das pessoas com as quais a creditamos. Ora, tem – se como característica do homem prudente ser ele capaz de bem deliberar sobre o que é bom e proveitoso para si mesmo, não num ramo em particular (...), mas o que é vantajoso ou útil como recurso para o bem – estar em geral (ARISTÓTELES, 2007, VI, 1140 a1, 25-28).

Bruce Wayne tinha na figura do pai o exemplo a seguir; na depressão, Thomas Wayne, quase fez sua empresa (Wayne Corporation), ir à falência, combatendo a pobreza. Pensava que, os ricos de Gotham City seguiriam seu exemplo e tentariam salvar a cidade. Mas com o seu assassinato, não pode cumprir este papel. Coube ao jovem Wayne esta tarefa de ser o exemplo para Gotham City e, Batman é este símbolo de mudança que toma para si a tarefa de *“inspirar as pessoas de Gotham City, para fazer com que a cidade possa ressurgir”* (NOILAN, 2008).

Na perspectiva aristotélica, Batman é um ser virtuoso. Mas como ele se tornou tal? Lembrando que saber o que é virtude não basta, é necessário praticá-la porque os seres humanos se tornam bons e virtuosos assim, pela prática e repetição, assim como se adquire as artes e os ofícios: *“homens se tornam construtores, construindo casas e se tornam tocadores de lira tocando lira. Analogamente, nos tornamos justos realizando atos justos, corajosos realizando atos corajosos”* (ARISTÓTELES, 2007, II, 1103 b1, 2-5).

Uma pessoa justa é alguém que com regularidade e confiabilidade pratica ações justas, e Batman é esta pessoa. Treinou corpo e mente para chegar à perfeição. Batman parece ser o exemplo de um ser humano virtuoso, tal como Aristóteles imaginou quando sugeriu que olhássemos para as pessoas virtuosas como referência para nos tornarmos moralmente melhor. Batman representa essa exemplaridade moral.

Ele é sem dúvida corajoso e inteligente. Tem um forte senso de justiça, é capaz de se manter controlado mesmo em meio a uma luta e está disposto a sacrificar sua própria vida e felicidade para fazer do mundo um lugar melhor (IRWIN, 2008, p. 229).

Heróis como Asa Noturna, Robin e outros heróis mascarados junto com o Comissário Gordon, seguiram a sugestão de Aristóteles e escolheram Batman como o ideal a ser imitado, por suas ações e seu comportamento virtuosos, a fim de também poderem se tornar virtuosos.

Mas Bruce Wayne sabe que sozinho não terá como tornar Gotham um lugar melhor para se viver, mas sabe que como Batman, pode vir a ser o exemplo para muitos, um símbolo da virtude, do ser moralmente incorruptível. Talvez todos devêssemos tentar ser um pouco mais parecidos com este ser fictício e agir como ele, na esperança também nos tornarmos gradativamente mais virtuosos. O super-herói é um grande exemplo pedagógico acerca da vida virtuosa em sociedade, nos moldes da ética de Aristóteles.

4 X-MEN E O ENCONTRO COM O 'BEM' ARISTOTÉLICO

Mutação: é a chave da nossa evolução e nos permitiu evoluir de uma célula única à espécie dominante do planeta. Esse processo lento, normalmente, leva milhares de anos. Mas a cada centena de milênio, a evolução dá um salto (SINGER, 2000).

Temos dificuldades para entender e aceitar os diferentes. Os excluimos, os discriminamos, embora o discurso corrente na sociedade contemporânea enfatize relacionamentos saudáveis e respeito às diferenças em todos os âmbitos da vida. As histórias em quadrinhos dos “X-men” servem de referência para a discussão deste tema da diferença, ao supor que há mutantes entre nós: existem pessoas que nascem com habilidades excepcionais; há aqueles que podem atravessar paredes, outros controlar o fogo e outros o gelo, existem ainda uns que podem manipular mentes. Há muitos com aparências anormais, uns parecendo umas feras; e aqueles com uma aparência de anjo, possuindo asas, e outros em contradição, com uma aparência que faz lembrar um demônio (REBLIN, 2008, p. 81). E por causa de suas capacidades incomuns, tais mutantes causam medo e insegurança nos seres humanos não evoluídos.

Supõe-se ainda que a evolução seja responsável pelo desenvolvimento de seres com super poderes na história. Alguns seres humanos possuem o gene “fator X” em seu código genético, responsável pelas alterações no seu organismo. Em linguagem científica esse seria o próximo passo da evolução humana: de homo sapiens a homo superior.

Seres humanos diferentes foram obrigados a aprender a conviver (ou não), o que conduz à questão da alteridade. [...] A reflexão acerca do outro, sempre ocorre no encontro com o outro diferente e, nesse encontro, a alteridade

sempre oscilava entre uma visão depreciativa e uma visão ingênua acerca do outro diferente. [...] Mas ambas as visões desconsideravam o outro como ser humano (REBLIN, 2008, p. 83-84).

Os seres humanos não consideram estes seres diferentes como 'seres humanos' e, por isso, tacham eles de mutantes. Mesmos estes, sendo o próximo passo da evolução. Assim prevalece o preconceito onde sempre diminui o outro.

Com estes seus poderes colossais, os mutantes poderiam facilmente tornar-se válido a sua própria vontade, reprimindo os humanos. Mas existem aqueles que, sonham com uma coexistência pacífica entre seres mutantes e seres humanos, onde defendem este ideal (professor Charles Xavier e seus pupilos, os super-heróis X-men), e há outros que não acreditam nesta aspiração. Julgam os seres humanos como uma raça do passado, e o futuro pertencem à raça mutante, que deve subjugar a inferior raça humana, a raça que não evoluiu (Magneto e a Irmandade Mutante), pois após sofrerem a discriminação, eles, seres superiores, também passariam a discriminar os 'humanos'. Para os X-men, o segredo para a convivência pacífica entre os mutantes e os seres humanos, é o exercício da tolerância. Ideia na qual os X-men lutam e defendem. E é a partir da educação, segundo *Reblin*, um dos caminhos para este exercício, um constante aprender a viver (REBLIN, 2008, p. 88), por isso Charles Xavier, cria o Instituto Xavier para jovens super dotados. Os X-men são preparados para defender a humanidade dos ataques de outros mutantes, são preparados para defender aqueles que tanto os temem e os odeiam. A escola de Charles Xavier é, digamos assim, uma cópia da escola de Aristóteles,

para que alguém possa se tornar um indivíduo bom que haja educação e treinamento apropriados, e que se passe em seguida a viver segundo hábitos virtuosos e nada fazer de vil seja voluntária ou involuntariamente, então isso será assegurado se as vidas humanas forem reguladas por uma certa inteligência e um sistema correto investido do poder de aplicar sanções adequadas (ARISTÓTELES, 2007, X, 1180 a1, 14-18).

Por que os X-men respeitam tanto os seres humanos que, por sua vez os rejeitam? O que faz com que se engajem numa luta para a convivência pacífica entre humanos e mutantes? Enfim, por que os X-men são bons?

Uma possível resposta é a hipótese de que eles estão convictos de que essa forma de conduta é melhor para garantir a tolerância e a aceitação dos outros. Seu

compromisso com o bem resultaria de um cálculo estratégico quanto à política *mais útil para garantir o fim desejado* (IRWIN, 2005, p. 164-165). Mas os seres humanos não reagem bem aos atos dos super-heróis X-men. Seus atos tornam-se infrutíferos. Mas mesmo que os X-men desejem e esperam ser aceitos na sociedade, o seu compromisso com o bem não parece se basear na expectativa de que isso ocorra.

Temos, portanto, assegurar que o caráter tenha, desde o início, uma finalidade natural com a virtude, amando o que é nobre e abominando o que é vil. E é difícil obter uma educação correta na virtude a partir da juventude sem ser educado segundo leis corretas, pois viver de maneira moderada e árdua não é agradável à maioria dos homens, particularmente quando são jovens (ARISTÓTELES, 2007, X, 1179 b1, 30-35).

Mas não há dúvida de que não basta que as pessoas tenham a correta nutrição e a correta disciplina na juventude; é necessário, também, que pratiquem as lições aprendidas e as ratifiquem através do hábito quando crescerem (ARISTÓTELES, 2007, X, 1180 a1, 1-5).

Mas os jovens mutantes sabem que não podem desistir, pois o futuro dos mutantes depende somente deles, e eles precisam colocar em prática o que aprenderam no Instituto Xavier. Assim, esses mutantes internalizam os valores de seu mestre, Charles Xavier, e têm uma motivação interior para fazer o que é certo e bom, um impulso interno, emocional ou psicológico que pode proporcionar um motivo para resistir à tentação de se voltar para os próprios interesses (IRWIN, 2005, p. 166).

A pergunta acerca da bondade dos X-men, numa perspectiva aristotélica, está na questão do exemplo. O professor Charles Xavier dá um bom exemplo de amor ao bem para seus pupilos. E segundo Aristóteles, Bom é aquele que ouve os sábios⁵.

5 O ÚLTIMO FILHO DE KRIPTON E A FELICIDADE ARISTOTÉLICA

O seu planeta estava condenado; pouco antes da destruição um bebê chamado Kal-EL, o último filho de Krypton foi mandado para a salvação. Caindo no planeta Terra, foi encontrado por um simpático casal, os Kent. Foi batizado de Clark, e foi criado como filho legítimo. Já em sua infância mostrava-se diferente, e enquanto crescia foi descobrindo que podia desafiar a gravidade, que tinha uma força descomunal, era mais rápido que qualquer coisa criada na Terra; com muito amor e

⁵ Aristóteles cita o poema *Os trabalhos e os dias*, do poeta grego Hesíodo (Ver ARISTÓTELES, 2007, I, 1095 b1, 10).

carinho, seus pais o ensinaram a compreender e usar seus dons. Ele jurou proteger o mundo que o adotou, usando seus dons em prol da justiça e da paz, tornando-se, assim, o 'Super – Homem'. Esta é a história do maior e mais popular Super-Heróis dos quadrinhos.

Em torno dele surgem frequentemente indagações como: Por que ele faz o que faz? Que motivos o impulsionam para a ação? O que o levou a assumir o papel de protetor e defensor de todos? Por que ele procura sempre fazer a coisa certa? Embora a história não passe da ficção, ela inspira boas questões para nossas reflexões sobre o cotidiano.

O que um indivíduo especial, como Clark Kent /Super-Homem estará fazendo em salvar vidas, ao invés de usar seus poderes a seu benefício, como por exemplo: usar sua grandiosa força, espremendo um carvão até conseguir um diamante. Por que ele se torna repórter do jornal do 'Planeta Diário'? Bom Clark Kent/Super-Homem, desejaria não se mostrar muito, pois qual seria a reação das pessoas ao saberem que ele é um extraterrestre e que poderia derreter um carro com um olhar de raiva. Com certeza a população ficaria amedrontada com este tipo de ser. Por isso Kal-EL se esconde atrás de seus óculos, na identidade de Clark Kent, como cidadão comum.

Kal-EL, sabe que ele não é daqui, não pertence a este mundo. Foi criado entre os humanos; mas, na verdade, não é um de nós. Kal-EL (Super-Homem) é o único sobrevivente de sua raça. Ele é um extraterrestre, e se sente muito sozinho neste mundo, segurando o seu grandioso segredo com um fardo. E aí está a chave de suas atitudes heróicas. O desejo básico de pertencer a, de fazer parte de, é um dos aspectos fundamentais da natureza humana. É a necessidade de se ligar aos outros, de conviver, parece vital para o bem-estar humano. Mesmo sendo um extraterrestre, Kal-EL sente a mesma necessidade básica de convívio e comunicação. Embora esteja entre os humanos, Kal-EL não dá as costas à sua herança alienígena pois sabe que só quando usa seus dons naturais de kriptoriana, é que se sente vivo e engajado. Só quando ele age em seu pleno potencial, em vez de se esconder por trás de um par de óculos, ele participa de verdade do mundo a sua volta. Só quando ele é abertamente kriptoniano (Super-Homem), pode ser também um homem da Terra, com exuberância e excelência. Quando ele vive como a pessoa que realmente é e aplica suas distintas

forças a serviço dos outros, ele assume seu lugar justo na comunidade, da qual agora ele faz parte e na qual se sente realizado. Não foi por coincidência que, quando o Aristóteles pretendia descobrir a raiz da felicidade, ele começou a explorar o que é viver com excelência. O Super-Homem, a seu modo, descobriu a mesma relação que Aristóteles enuncia assim: “se a felicidade consiste na atividade de acordo com a virtude, é razoável que seja atividade de acordo com a virtude maior (excelência), e esta será a virtude da melhor parte de nós” (ARISTÓTELES, 2007, X, 1177 a1, 10-14).

O Super-Homem ajuda os que estão em perigo porque ele sente um dever moral superior, faz isso porque suas inclinações o impulsionam para atos de moralidade. Mas há uma quantidade saudável de interesse próprio nestes atos; ao ajudar os outros, Super-Homem ajuda a si mesmo, pois cumpre seu destino e sua natureza. O Super-Homem é, na verdade, o indivíduo autêntico, que aceita quem ele é, celebrando esse verdadeiro eu e usando todos os seus poderes para o bem dos outros e de si mesmo (IRWIN, 2005, p. 21). Pelos critérios de Aristóteles ele seria um ótimo exemplo para ilustrar o caráter moralmente virtuoso, porque ao deparar-se com uma situação de injustiça ele tem sentimento de justiça, pensa corretamente a situação, descuide-se para a ação correta e age corretamente. Nele não há espaço para uma contradição entre a inclinação natural e o que é moralmente correto. Além do mais, ele sabe que aquilo que está fazendo é uma ação virtuosa, ele decide livremente por fazê-la e age movido por um caráter irretocável (ARISTÓTELES, 2007, 1105 a. 30-1105b). Em outros termos, ele age de acordo com a justa razão.

6 O HOMEM-ARANHA NA TEIA ARISTOTÉLICA

Considerado como sendo um dos mais famosos Super-Heróis das histórias em quadrinhos, o Homem-Aranha, é a figura fictícia carimbada na vida de muitas crianças e adolescentes. Quem nunca ouviu falar neste super-herói? Quem nunca viu algum produto com sua estampa e logo marca? As adaptações de sua história para animações da Televisão e principalmente para o cinema é um sucesso. A exibição dos seus filmes no cinema é recorde de bilheterias; um sucesso extraordinário.

Este super-herói aracnídeo atrai tantas pessoas porque se apresenta como um modelo com o qual podemos nos identificar. Peter Parker (o Homem – Aranha

sem a máscara) é um jovem que luta contra as tentações humanas comuns, bem como os entraves da adolescência. Mas o que faz com que um adolescente se torne herói desse tipo, que salva vidas dos outros, colocando sua própria vida em risco, e que não usa seus poderes para benefícios próprios? Quem é, afinal, esse Homem-Aranha?

Resumidamente, Peter Parker, foi adota pelos tios, os simpáticos e adoráveis Ben e May Parker, depois que seus pais morreram em um terrível acidente de trânsito. Já na adolescência, depois de ter sido picado pela aranha, começou a perceber que havia recebido super poderes. Percebendo que havia algo de diferente em Peter, seu tio Ben, agora seu pai adotivo, lhe dá o conselho de que “com grande um poder, vem grandes responsabilidades”. Após a morte de seu tio Ben, assassinado, Peter Parker levará esta frase para o resto de sua vida para marcar toda sua ação de super-herói, na figura do Homem-Aranha.

O que impressiona na ação desse Herói das HQ's é e seu heroísmo e, principalmente, porque muitas das coisas que ele toma como se sua responsabilidade ele não precisaria fazer. Peter Parker tem a permissão para viver uma vida comum, mas é o fato de escolher outro caminho, o de ser o Homem-Aranha, é que faz com que suas ações se tornem dignas de louvor. A grande responsabilidade que vem com o grande poder não é o dever de usar esse poder como O Homem-Aranha (um Super-herói), é, no máximo, uma obrigação de não prejudicar os outros usando-o de modo errado. Isso é um ato nobre. Escolher e cumprir o dever, combater o crime, ajudar os indefesos e proteger estes das perversas maquinações dos vilões. Isso sim é que faz dele um Super-Herói.

Peter Parker, assim como outros super-heróis já citados, tem sua motivação heroica marcada pela filosofia prática de Aristóteles; pela ética das virtudes. O Homem-Aranha, por exemplo, é um ser corajoso, que pratica a mediania. E, segundo o Estagirita, a coragem é o meio termo entre o medo e ao excesso de autoconfiança.

A coragem é a mediania tocante ao medo e à autoconfiança. Ora, fica claro que as coisas de que temos medo são coisas temíveis, o que significa dizer de uma maneira geral, são males, de modo que o medo é, às vezes, definido como a antecipação do mal. É verdadeiro, portanto, que temos medo de todas as coisas más. Entretanto, não se pensa que a coragem esteja relacionada com todas essas coisas, uma vez que há alguns males que é certo e nobre temer e vil não temer, do que é exemplo à desonra ou ignomínia. Aquele que

teme a desonra é um homem honrado, detentor de um devido senso de pudor (ARISTÓTELES, 2007, III, 1115 a1, 5-15).

Assim como o super-herói Batman, também o Homem-Aranha é um exemplo para os cidadãos de New York⁶: ele vive em excelência moral, assim como o Super-Homem, ele conhece o bem e sabe como praticá-lo, assim com X-men. Mas Peter Parker, diferente destes Super-Heróis, é apenas um adolescente que, segundo Aristóteles, ainda não teria condições objetivas de haver adquirido sabedoria prática, uma vez que essa resulta como lição da experiência. Claro que a virtude não depende da idade, caso contrário os mais vividos seriam virtuosos e os novos o contrário. Mas o que distingue o Homem-Aranha é que ele tomou para si a lição aprendida de seu tio. E por isso ele pode julgar com propriedade e agir com prudência, embora ainda seja muito jovem⁷.

Acontece que, mesmo sendo ainda muito jovem, Peter Parker passou por situações das mais diversas em sua vida e aprendeu com elas. Já na infância vivenciou a terrível perda de seus pais em acidente, mas soube escutar a instrução recebida dos tios Ben e May Parker, bem como assimilar as lições de uma vida moralmente virtuosa, a exemplo deles. E segundo o nosso filósofo isso é de fundamental importância.

Para que alguém possa se tornar um indivíduo bom é preciso que haja educação e treinamento apropriados, e que se passe em seguida a viver segundo hábitos virtuosos e nada fazer de vil seja voluntária ou involuntariamente (ARISTÓTELES, 2007, X, 1180 a1, 14-17).

Peter Parker tem em sua família o exemplo de uma educação para a virtude e, adquirindo seus superpoderes como Homem-Aranha, colocou em prática (principalmente após a morte trágica de seu tio Bem), tudo que já aprendera. Talvez seja precisamente isso que tornou o Homem-Aranha tão popular, porque ele passou pelas mesmas necessidades e privações que qualquer jovem enfrenta em seu dia-a-dia, desde problemas financeiros, às questões morais. Ele aprendeu muito cedo que,

6 Cidade onde se baseia – se a história do Homem – Aranha.

7 Aristóteles afirma que somente pode julgar bem acerca de um assunto qualquer é necessário que tenha recebido instrução nesse assunto; é necessário que tenha recebido uma educação completa. Então ele conclui que os jovens não estão aptos para os estudos da política, porque carecem de experiência de vida e de conduta (Ver ARISTÓTELES, 2007, I 1095 a1, 1-4).

‘seja qual for o conflito que tivermos dentro de nós, sempre temos uma escolha, pois são as nossas escolhas que fazem de nós o que somos e sempre podemos escolher aquilo que é certo (RAIMI, 2007).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é porque Aristóteles tenha dito que o filósofo pode especular sobre todas as coisas que a gente se debruça sobre as histórias em quadrinhos de super-heróis e suas adaptações para as animações da TV e para o cinema. Elas podem ser objeto de investigação para a filosofia e para muitas ciências, como a sociologia, a psicologia, a teologia, a literatura, dentre outras. Mas o que nos interessa mais de perto é o aspecto pedagógico que os Super-Heróis das HQ's representam, especialmente na formação do ideal de vida das crianças e dos adolescentes, mais especificamente, na formação da consciência moral.

Se Piaget e Kohlberg tem alguma razão quanto aos estágios de desenvolvimento da consciência moral, as HQ's cumprem uma enorme importância na gênese e na formação da consciência moral. O Super-Herói inspira a internalização da norma como algo bom, e em certa fase até como algo quase que sagrado. A autoridade de um princípio vem daquele que o apresenta. De mais a mais, os Super-Heróis ensinam pelo exemplo, eles mostram pela ação o que é bom e justo. E isso é muito mais eloquente do que os conselhos em abstrato. E é também aristotélico: aprende-se ao seguir o exemplo das pessoas mais virtuosas, mas a virtude se mostra nas ações do cotidiano.

Então, além da finalidade explícita de proporcionar entretenimento, as histórias em quadrinhos de super-heróis, apresentam as questões relacionadas ao comportamento moral e dão exemplos de virtuosismo para os seres humanos enfrentarem os problemas morais do dia-a-dia. Elas mostram vivencialmente as questões a importância enfrentamos no cotidiano, principalmente com relação à responsabilidade pessoal e social, à justiça, ao crime e ao castigo, à mente e às emoções humanas, à identidade pessoal, à alma, à noção de destino, ao sentido de nossa vida, ao que pensamos da ciência e da natureza, ao papel da fé na aspereza deste mundo, à importância da amizade, ao significado do amor, à natureza de uma

família, às virtudes clássicas como coragem e muitos outros temas.

Embora sejam produzidas para que o grande público as consuma como diversão, as HQ's podem receber esta forma de leitura mais criteriosa, filosófica, que mostra o aspecto ético que as perpassa e, no caso específico da nossa leitura, que essa perspectiva é a da ética das virtudes ou da *phronesis* de Aristóteles. E o exemplificamos, apenas para retomar, com alguns Super-Heróis mais influentes quanto a este aspecto.

Além desse aspecto pedagógico mais geral, também se poderia enfatizar ainda que as HQ's e sua transformação em desenhos e filmes para a TV e o Cinema podem servir de material didático para facultar o aprendizado do pensar filosófico mais geral, envolvendo assuntos como a sociedade, as questões de gênero e diferença, a questão do entendimento humano, etc.

Por outro lado, ainda que tenhamos mantido o nosso foco na perspectiva aristotélica, as HQ's também abordam temas que se poderia muito bem relacionar com as teorias filosóficas de muitos outros autores, como Kant, Rousseau, Kierkegaard, Nietzsche, dentre outros. Mas o que nós destacamos é a essa leitura aristotélica das histórias, para mostrar, por exemplo, que as os Super-Heróis praticam ações virtuosas, que podem servir de exemplo a ser seguido e isso pode ser didaticamente utilizado no trabalho de educadores que, querendo ou não, influem sobre a formação da consciência moral das crianças. Podem, então, fazê-lo no intuito de refletir sobre a prática do bem, da justiça, da prudência, e assim, ajudar os educandos a caminhar na direção de hábitos virtuosos, que se mostram nas ações virtuosas, ou para lembrar Batman, *não é quem eu sou por dentro, mais o que eu faço que me define* (NOILAN, 2005).

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 2. ed. Tradução Edson Bini. Bauru, SP: Edipro, 2007.
- GFK Indicador. **Estudo Exploratório do Imaginário Infantil**. Agosto 2008 (pesquisa exclusiva para Mattel).
- IRWIN, Willian (Org.). **Batman e a filosofia**: o cavaleiro das trevas da alma.

Tradução Martha Malvezzi. São Paulo: Madras, 2008.

IRWIN, Willian (Org.). **Super – Heróis e a Filosofia**. Tradução Marcos Malvezzi Leal. São Paulo: Madras, 2005.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

NOILAN, C. **Batman Begins**. Direção: Christopher Noilan. Warner Bros Picture, 2005. 1 DVD (139 min.), color.

NOILAN, Christopher, (2008). **Batman: O cavaleiro das trevas** (he Dark Knight). Direção: Christopher Noilan. Warner Bros Picture, 2008. 1 DVD (152 min.), color.

RAIMI, Sam. **Homem – Aranha 3 (Spiderman 3)**. Direção: Sam Raimi. Columbia Picture e Sony Sony Picture Entertainment, 2007. 1 DVD (139 min.), color.

REBLIN, Iuri A. **Para o alto e avante**: Uma análise do universo criativo dos super – heróis. Porto Alegre: Asterisco, 2008.

SINGER, Bryan. **X – Men**: O Filme. Direção: Bryan Singer. 20th Century Fox Film Corporation, 2000. 1 DVD (104 min.), color.